

DEBATE

HENRIQUETA C. CAMPOS - Acho muito interessante e tão completa quanto possível, a panorâmica apresentada. Gostava de perguntar se não achas pertinente introduzir alguma informação sobre a organização interna dos tempos.

R — Eu acho pertinente, mas não me preocupou fundamentalmente o perfeito na sua complexidade total. Eu penso que os tempos, sobretudo o perfeito e o imperfeito estão muito interligados no tratamento do enquadramento de intervalos de tempo. Aquilo que eu quis evidenciar através destes exemplos, para além de se considerar a relação imperfeito/perfeito, do aberto e fechado e/ou até ainda o imperfeito/presente, que normalmente não é considerado, são ainda outros casos onde se produzem determinados efeitos de modalização que só aparentemente são modais em que não se pode considerar que seja fundamentalmente uma relação temporal, embora a estrutura seja aquilo que é tipicamente considerado um tempo. Embora a ordenação dos intervalos de tempo seja importante não foi sobre isso que eu me centrei. Por outro lado, por exemplo a proposta de [...] considera como primitivos os eventos. Eu aqui estou a tomar como primitivos os intervalos. Isso é uma outra discussão, se o tratamento de tempo, enquanto tempo, com que tipo de primitivos deve ser feito.

HENRIQUETA C. CAMPOS - Mas se, por exemplo, em "Eu estava aqui à tua espera / já não estou porque já chegaste", se nós considerarmos eventualmente como uma fronteira que corresponde a um intervalo de ligação fechado ou aberto podemos também explicar [...] a distanciação modal que coincide a certa altura com o valor aspectual.

R — Eu disse que o imperfeito não se pode deixar de considerar como um tempo. Simplesmente opera, nesse caso concreto, valores de contraste, não são propriamente de enquadramento, porque no exemplo citado "Estava aqui à tua espera", esse intervalo é cortado exactamente no momento presente em que uma pessoa vê o outro e que pode coincidir precisamente com o presente da enunciação.